



UM ESTUDO SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO *WHATSAPP*

Ana Maria Salvador (UEMS)¹
aninha_mariasalvador@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)²
chaves.adri@hotmail.com

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é analisar a variação linguística encontrada no processo comunicativo oportunizado no aplicativo de mensagem *WhatsApp*, no 9º ano de uma Escola Municipal de Campo Grande – MS. Com o desenvolvimento e popularização da tecnologia, ocorreu o nascimento dos gêneros virtuais e, conseqüentemente, uma transformação no modo de utilização da língua e da linguagem. O crescimento do uso de *smarthphones* e do meio de comunicação síncrono e assíncrono, *WhatsApp*, é possível perceber que a população tem escrito e lido mais, adequando-se às peculiaridades comunicacionais da atualidade, principalmente, na rapidez no ato de receber e enviar mensagens. O novo ambiente de comunicação trouxe hábitos que se tornaram típicos aos textos virtuais, criando assim uma nova variedade linguística - o internetês. Utilizado tanto por jovens quanto por adultos, os gêneros virtuais têm transformado a comunicação, alcançando o âmbito escolar e trazendo a necessidade de uma inovação na forma de ensino. Um dos maiores cobrados nessa mudança é o professor, que ainda reluta em trazer para a sala de aula gêneros que se tornaram básicos na comunicação da sociedade atual. A partir dos estudos de Alkmin (2001), Camacho (2001), Marcuschi (2008), dentre outros, vamos analisar a variante usada pelos alunos, por meio dos *prints* das respostas dadas no trabalho proposto pelo professor.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. *WhatsApp*. Internetês.

ABSTRACT: The aim of this paper is to analyze the linguistic variation found in the communicative process provided by the *WhatsApp* messaging application, in the 9th grade of a Campo Grande - MS Municipal School. With the development and popularization of technology, the birth of virtual genres occurred and, consequently, a transformation in the use of language. The growing use of *smarthphones* and the synchronous and asynchronous means of communication, *WhatsApp*, it is possible to realize that the population has written and read more, adjusting to the communicational peculiarities of today, especially in the speed of receiving and sending messages. The new communication environment has brought habits that have become typical of virtual texts, thus creating a new linguistic variety - internetese. Used by both youth and adults, virtual genres have transformed communication, reaching the school environment and bringing the need for an innovation in the form of teaching. One of the biggest charges for this change is the teacher, who is still reluctant to bring into the classroom genres that have become basic in today's society's communication. From the studies of Alkmin (2001), Camacho (2001), Marcuschi (2008), among others, we will analyze the variant used by the students, through the prints of the answers given in the work proposed by the teacher.

KEYWORDS: Linguistic Variation. *Whatsapp*. Internet.

¹ Aluna do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – PROFLETRAS.

² Professora Doutora do Programa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – PROFLETRAS.



Introdução

A linguagem e a sociedade estão intimamente ligadas, de tal modo que a língua reflete a sociedade e como não existe nenhuma comunidade homogênea, o mesmo conceito vai se manifestar na língua. Toda e qualquer língua apresenta variações, seja de acordo com a idade dos falantes, a classe social a que eles pertencem, o momento da fala e para quem se fala, seja entre o homem e a mulher.

A história da língua está ligada à história da sociedade, que a contam por meio de um sistema de comunicação oral e que vivem em sociedade. Logo, se a sociedade é dinâmica e ativa, e a língua reflete a sociedade em que o ser humano está inserido, a mesma passa por mudanças e transformações. Para que ocorram as mudanças na sociedade ou na língua, primeiramente surge a variação daquele item para depois começar o processo de transformação, que pode se confirmar ou não.

Assim, o presente trabalho apresenta algumas variações encontradas no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, que podem contribuir para as futuras mudanças no sistema linguístico. Para discutir as manifestações linguísticas encontradas no *WhatsApp*, precisaremos discutir a língua como manifestação exclusiva do ser humano e suas modalidades.

1. Língua e suas modalidades

A escola tem o papel de ensinar um modelo de escrita que seja uniforme em todo o país e que possibilite a comunicação escrita, e como dizia Abelardo Barbosa, o Chacrinha, “quem não se comunica, se estrumbica.” Assim das principais funções da escola é propiciar ao aluno o aprimoramento da capacidade do uso da linguagem, nos aspectos da oralidade, da produção/multissemiótica, da escuta e da leitura (BNCC, 2018, p. 67).

A fala e a escrita são as duas modalidades da língua, sendo o primeiro inato e o segundo aprendido. Embora os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) contemplem, de forma muito explícita, o trabalho dessas duas modalidades, em sala de aula, a escrita

ainda é colocada em destaque, pois fazer o uso adequado dela é sinônimo de um bom domínio da Língua Portuguesa. Levando em consideração que o aluno, em geral, tem a concepção equivocada de que texto é representado apenas pela linguagem verbal, somado ao fato de que ele já sabe falar e, por isso, equivocadamente não precisaria aprender os gêneros orais, a prática das duas representações de forma igualitária torna-se essencial. Não se trata de ensinar a falar, mas de saber usar as formas orais em situações do dia a dia (MARCUSCHI, 2008, p. 55).

A produção de gêneros textuais diversificados, tanto orais como escritos, evidencia que o aluno é participante da sociedade e que existem diferentes formas de interação. Esclarecer que não existe uma modalidade considerada melhor, assim como, desmistificar a inferioridade da fala, pode ser realizado a partir do entendimento da função sociointerativa da produção linguística. Ou seja, mostrando que ele é um ser social e que se comunica de determinada forma, em determinado contexto, utilizando algum tipo de gênero que circula na sociedade, visando um objetivo: a comunicação.

Postular algum tipo de supremacia ou superioridade de alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa. Em primeiro lugar, deve-se considerar o aspecto que se está comparando e, em segundo, deve-se considerar que esta relação não é homogênea nem constante. (MARCUSCHI, 2010, p. 35)

Embora ainda exista o preconceito de que a escrita é superior à fala, é importante destacar que são modalidades diferentes, que cumprem papéis distintos em diversos momentos e a escola deve ser capaz de ensinar os dois modelos de forma normativa e culta, indo além do repertório que o aluno já possui e assim, ele poderá participar de outros grupos sociais, marcados por um uso de uma outra norma linguística.

1.1. Língua falada

Cronologicamente, a fala vem antes da escrita e as duas sempre estarão lado a lado como forma de comunicação humana, cada uma cumprindo o seu papel nas comunidades que possuem sistemas organizados de escrita. Os estudos sobre a fala são recentes em comparação aos estudos dos gêneros textuais escritos, exemplo disso, são



os estudos da Linguística Textual, iniciados em meados da década de 1960 na Alemanha, a Análise da Conversação e a Sociolinguística.

A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. Isso se dá de modo particular porque a língua é socialmente moldada e desenvolvida, não obstante seu provável caráter filogeneticamente universal, como postulam muitos linguistas e psicólogos. (MARCUSCHI, 2010, p. 36)

Debates, roda de conversa, correção de exercícios feita oralmente, discussão sobre determinado tema são exemplos da superficialidade com a qual a oralidade é trabalhada na escola. Os gêneros textuais orais necessitam de conhecimentos a serem trabalhados previamente tanto quanto os gêneros escritos, levando o aluno à reflexão das formas de uso, planejamento da fala, público-alvo, objetivo estabelecido e participação dos interlocutores, bem como a sua realização multissistêmica (gestos, mímicas, por exemplo). O estudo das duas modalidades propõe um número grande de semelhanças entre elas, mas também destaca as diferenças, demonstrando cada vez mais que elas são complementares e não opostas.

O uso da oralidade, na maioria das vezes, com a utilização da linguagem informal e das variações linguísticas, demonstra muitas vezes ao usuário, que não é preciso estudá-la e, muito menos, desenvolvê-la de acordo com o grupo que se pretende interagir. É por isso que a prática situada, traz ao estudante, além da reflexão, o conhecimento de utilização da linguagem em contextos que, *a priori*, não fazem parte da sua vivência diária, permitindo assim que se torne um cidadão ativo e eficaz no usar de variados gêneros textuais. Seguindo essa ideia, a Base Nacional Comum Curricular coloca como terceiro tópico de competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental

Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo. (BNCC, 2017, p. 87)



Logo, a oralidade passa a ser entendida e valorizada de acordo com o contexto de utilização. Uma palestra pode fazer uso da língua formal, mas se caracteriza pela oralidade. Assim, deve-se mostrar essas possibilidades para os estudantes.

1.2. Língua em suportes virtuais

O impacto que os gêneros digitais têm provocado são incomensuráveis, principalmente em relação ao uso da linguagem e na vida social. Diante disso, a internet tem transformado os comportamentos comunicativos deixando estremecidas até mesmo a dependência que se tinha com o som e o papel. A tecnologia conseguiu unir em um só lugar múltiplas semioses, agrupando qualidades como rapidez, minimização da rigidez na linguagem e a popularização dessas práticas sociais. Não que todos os gêneros que estão em voga sejam necessariamente novos, no entanto, o que se tem, em grande parte, é uma nova roupagem ou evolução do que já existia, exemplo disso, são os gêneros carta e e-mail.

A língua permite a interação humana e, por isso, está em constante transformação para dar conta das mais inesperadas necessidades de comunicação. Como consequência, ela é passível de variação, conforme apresentado anteriormente. Os suportes virtuais (*softwares*) revelaram a criação do hipertexto e de um vocabulário próprio usado por seus interlocutores diante dessa situação de uso. Com a democratização da tecnologia, houve a difusão dessa linguagem e características se tornaram visíveis, tais como orações mais curtas, a presença de *emojis*³ para a expressão de sentimentos, mensagens de voz, a ausência de pontuação e acentuação, acréscimo de vogais, omissão de letras, uso de abreviações e o aumento de letras tornaram-se marca registrada dessa variação. Ademais, é necessário destacar que essa comunicação pode acontecer de maneira síncrona ou/e assíncrona.

Por **hipertexto**, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade. A compreensão dessa nova ordem, bem como a nossa sobrevivência nela, passa necessariamente pela aprendizagem da leitura e da escrita

³ Ideogramas utilizados em mensagens eletrônicas.



do/no hipertexto que tende a mediar as relações dos sujeitos na *sociedade de informação*. Esta mais recente tecnologia de linguagem encarna perfeitamente as metáforas McLuhianas do mundo como uma aldeia global e dos meios de comunicação como extensão de homem. (MARCUSCHI, 2010, p. 208)

A linguagem usada nos gêneros textuais digitais, nomeada de “internetês”, é muito difundida nas redes sociais, principalmente entre aqueles que são classificados como nativos digitais, ou seja, que já nasceram em um ambiente em que a internet fazia parte de seu cotidiano, e causa, em alguns professores, o sentimento de repulsa, por se tratar de um tipo de “contaminação da língua padrão”. Para outros, que também utilizam desses novos modelos de comunicação no dia a dia, trata-se de uma nova abordagem para promover atividades sobre o “internetês”. Gostando ou não, os professores terão que criar iniciativas diferenciadas para abordar a linguagem usada nesses *softwares*, já que o BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2018, p. 67) coloca como competência mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentido (nos processos de compreensão e produção).

Percebe-se, então, que não cabe ao educador tratar com preconceito essa nova variação, mas sim, adequá-la. Trazer a realidade do aluno para a sala de aula, poderá aumentar o interesse e o engajamento do estudante nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que a presença dessas expressões da internet tem crescido nas produções textuais dos estudantes do ensino fundamental e médio.

1.3. Língua no *WhatsApp*

O *WhatsApp Messenger* é um aplicativo multiplataforma de mensagem instantânea e chamadas de áudio e vídeo para *smartphones* (JONUSAN, 2017, p. 65). Criado em 2009 por Jan Koum e Brian Acton, sendo desenvolvido para ser uma maneira simples, segura e confiável de comunicação⁴, teve no começo sua comercialização apenas para Iphone, porém, o grande êxito fê-lo expandir para

⁴ Base de dados extraída do site <https://developers.facebook.com/docs/whatsapp/overview>



aparelhos com o sistema operacional Android. A partir de então, o sucesso foi imensurável.

Como já foi dito aqui nesse artigo, a internet quebrou as barreiras geográficas e culturais, possibilitando que a informação possa transpor barreiras geográficas quase que instantaneamente, e acabou criando, também uma linguagem com ares de universal, um código que, muitas vezes, só os internautas conseguem decifrar (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009, p. 103). Marcada pela rapidez e informalidade, o “internetês” ou *netspeaks*, termo cunhado por Crystal, tornou-se linguagem utilizada nos gêneros digitais do ciberespaço, inclusive no *WhatsApp*.

O princípio básico do internetês é extrair o essencial de cada palavra, descartar o supérfluo e, inevitavelmente, ceder à tentação dos apelos fonéticos. Isso se dá pela necessidade de tornar a comunicação mais ágil e veloz, tal como é na língua falada. Isso resulta em uma economia nas construções linguísticas empregadas no meio virtual. (FRUET; WINCH; FAGAN; ZEMOLIN, 2009, p. 103)

As principais características desses gêneros, que têm como meio a internet, são a rapidez e a espontaneidade, não permitindo assim que seu usuário faça um planejamento do que será escrito, fazendo então que ele utilize de imagens, *emojis*, áudio e outros recursos, para facilitar a comunicação e não o fazendo perder tempo, simulando muitas vezes a oralidade e sua sincronicidade. A criação desse modelo, carregado de elementos paralinguísticos, que se diferencia da língua natural, muitas vezes assustando quem ainda não tem familiaridade com o ciberespaço.

A seguir apresentaremos a conceituação e uma breve discussão sobre as variações linguística.

2. Variações Linguísticas

Para entender as variações, é necessário adentrar no campo da Sociolinguística, disciplina surgida em 1960 nos Estados Unidos, norteadada pelo linguista William Labov. Mollica (2003, p. 10) afirma que são muitas as áreas de interesse da Sociolinguística: contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística,



multilinguismo, variação e mudança. Nessa concepção de estudo, segundo Bagno (2007, p. 40), existe a heterogeneidade ordenada, indicando que a variação não é aleatória, fortuita, caótica, mas sim o contrário disso, estruturada e organizada.

Vale repetir que o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras. Em outras palavras, tal como existem condições ou regras que obrigam o falante a usar certas formas (*a casa*) e não outras (*casa a*), também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. (NARO, 2003, p. 15)

Diversos elementos interferem no momento de uso real da língua, por exemplo, o social, a política, o gênero do falante e a idade. Por essa razão, o foco da Sociolinguística não é considerar o “erro” ou o “acerto”, nem a correção linguística, e sim, o contexto da produção comunicativa, logo, suas variantes empregadas pelos falantes. Antunes (2007) lembra que existem situações sociais diferentes; logo, deve haver também padrões de uso diferentes. A variação aparece, então, como uma algo inevitavelmente normal em qualquer língua, como um processo natural de adequação da língua a novas necessidades, conforme dito acima.

2.1. Como ocorre?

Segundo Bagno (2007, p. 39), a heterogeneidade, citada anteriormente, ocorre nos variados níveis linguísticos: fonético – fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e estilístico – pragmático. Com essa lista, percebe-se que fatores internos da língua se relacionam para a produção das múltiplas variações e, a falta desse conhecimento, leva a banalização do estudo da variação, fazendo que muitos as classifiquem como formas equivocadas do uso linguístico.

Por exemplo, a variação fonética – fonológica está relacionada as diferentes pronúncias existentes de uma mesma palavra, exemplo disso é o som do /r/ e do /s/. Já a variação morfológica ressalta como o uso de sufixos diferentes, como *-ão* e *-oso*, podem manter a mesma ideia. A variação sintática refere-se à organização da frase, no âmbito de que diferentes formas podem manter o mesmo sentido, como em *Eu vi ela* e *Eu a vi*.

A variação semântica trata da mudança de significado da palavra dependendo da região em que se fala, é o caso de palavras com significados diferentes no Brasil e em Portugal. A variação lexical mostra como diferentes léxicos têm o mesmo significado, como *mandioca* e *macaxeira* e, por fim, a variação estilístico-pragmática cita que o mesmo falante pode utilizar graus de formalidades diferentes conforme o contexto em que ele está inserido no momento da interação, como em *Olá, como você está?* e *E aí? Tudo joia?*

A falta de conhecimento dessas complexas estruturas colocadas anteriormente, gera o preconceito linguístico, que é perpetuado pelo que Bagno (2015, p. 109) denomina de “Santíssima Trindade” – o uso incessante e exclusivo desses três elementos: da gramática tradicional, dos métodos tradicionais de ensino e dos livros didáticos.

2.2. Por que ocorre?

Antunes (2007, p. 104) explique que as variações não existem porque as pessoas são ignorantes ou indisciplinadas; ocorrem, porque as línguas são fatos sociais, situados em tempo e espaço concretos, com funções definidas, sendo por elas condicionadas.

A idealização de uma linguagem única, utilizada em todas as situações de comunicação, é um mito, visto que o homem, por si só é heterogêneo, portanto, concluir que a língua utilizada por ele será da mesma forma heterogênea, é algo lógico. O fato de a língua ser de domínio coletivo, ou seja, abrangente a várias pessoas, implica que não se pode, então, apenas um aspecto dela ser endeusada, pois automaticamente a forma de uso também será variada. O termo *social* é definido relativa ou pertencente às manifestações (revelação de ideias e pensamentos) provenientes da relação entre os seres humanos, ou seja, fatores intra e extralinguísticos influenciam nas escolhas comunicativas. Desse modo, a contextualização da prática discursiva coloca a norma culta como uma opção entre várias, diferentemente do que acontece na escola, em que ela não está disponível para ser escolhida, mas é obrigatória em todas, com a intenção de apresentar o modelo culto para aqueles que não têm acesso a tal norma, na maioria

das vezes, além de ser um modelo uniformizador do idioma, que tem dimensões continentais, com mais de 200 milhões de falantes no país.

A desmistificação de que exista uma língua que seja totalmente uniforme é indispensável para elucidar algo que é costumeiro em outras línguas também. A incompreensão de que esse fato é universal, posto que todas circulam em uma sociedade, é um dos fatores da depreciação e do menosprezo das variações. É apropriado lembrar que, uma vez que esse pensamento ultrapassa os portões da escola, é necessário um trabalho de conscientização em toda a população, principalmente por parte da mídia, por ser ela o veículo que propaga esse grande engano e, por ser ela, capaz de alcançar a maior parte da população, independente da classe, informando e combatendo o preconceito linguístico.

2.3. Tipos de variações linguísticas

Os estudos sociolinguísticos estão voltados para a influência dos fatores sociais, também conhecidos de fatores extralinguísticos, que designam situações externas a estrutura da língua. Bagno (2007, p. 43) revela que muitas são as influências, mas as que têm se revelado mais interessantes para as pesquisas são: a origem geográfica, o *status* socioeconômico, o grau de escolarização, a idade, o sexo, o mercado de trabalho e as redes sociais, conforme dito anteriormente. Esse autor ainda expõe que, no Brasil, o fator social de maior impacto é o grau de escolarização, que no nosso país, está muito ligado ao *status* socioeconômico.

Quanto a esses fatores, a origem geográfica faz menção aos possíveis “sotaques” encontradas em diferentes regiões, além de se considerar a origem rural ou urbana da pessoa. A questão do *status* socioeconômico relaciona-se diretamente com a renda, posto que uma pessoa de renda muito alta não fala da mesma forma que uma pessoa de renda muito inferior e vice-versa. Já o fato do grau de escolarização consiste no acesso ou não à cultura letrada, leitura, escrita e a uma educação formal, quanto maior o acesso, maior o grau de formalidade. A idade faz alusão a diferença na fala de um adolescente e a uma pessoa de uma outra geração, além de que, somado a isso, também existe a questão do sexo, sendo que há vocabulários diferenciados para homens e

mulheres. Relativo ao mercado de trabalho, é preciso lembrar que dependendo do ofício da pessoa existem jargões específicos dessa área, por exemplo, dos médicos. Enfim, nas redes sociais, geralmente, as pessoas mudam seu comportamento adequando-o às pessoas com quem se relaciona.

É possível encontrar, nos textos mais especializados, adjetivos diferentes para os tipos de variação: diatópica, que se relaciona aos falares de diferentes regiões, a diastrática, referente as diferentes classes sociais, a diamésica, que diferencia a língua falada da escrita, a diafásica, que explica a adequação do falante ao contexto e a diacrônica, que verifica a evolução da língua com o passar do tempo.

No próximo item, apresentaremos o aplicativo do WhatsApp e suas implicações o estudo das variantes linguísticas:

3. *WhatsApp* e a variação linguística

Por ser muito recente os estudos sobre a linguagem usada em aplicativos, como o *WhatsApp*, ainda não existe uma classificação exata do que seria esse dialeto, apesar de nomearmos como “internetês”, pois ao mesmo tempo que se diferencia da linguagem oral e da escrita, faz uma combinação de ambas. A hibridização dessa linguagem faz com que ela seja sincrônica, mas escrita, e um texto escrito, mas com marcas orais.

Como dito, ela pode caracterizar-se como sincrônica por estabelecer simultaneamente a comunicação entre os participantes, no entanto, antes do aparecimento da internet, isso só era possível na oralidade. A praticidade apresentada por esse *software*, como já foi colocado nesse artigo, possibilita o uso informal da língua, também característico da linguagem oral. Apesar de possibilitar a comunicação assíncronica, aquelas desconectadas do momento atual, a escolha feita por seu usuário acaba sendo a mesma, já que se tornou característico dos gêneros digitais a não obrigatoriedade do uso da norma padrão.

3.1. Aspectos Metodológicos



A Escola eleita para essa experiência pedagógica é destaque em Mato Grosso do Sul, pois possui a nota acima de 6,0 no IDEB, tendo nota 6,55⁵ nos anos finais do Ensino Fundamental.

Os alunos participantes são da turma do 9º ano A, do período matutino. Essa sala possui 30 estudantes que demonstram desinteresse e apatia pela aprendizagem, tendo *déficit* tanto em competências ligadas a leitura como em escrita, comprovados em exames internos da escola. Baseado nesse dado, produziu-se uma Sequência Didática apoiados nos estudos realizados pela Sociolinguística feitos por Alkin (2001), Camacho (2001), Marcuschi (2008), dentre outros, trazendo o contexto da realidade do aluno para dentro da sala de aula.

Primeiramente, foi solicitado que os discentes montassem um grupo no *WhatsApp* e incluíssem a professora. Partindo do pressuposto de que o alunado participa de uma comunidade linguística, “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos” (ALKMIN, 2010, p.31) e levando em consideração esse conhecimento preexistente, em seguida, a professora solicitou que os alunos produzissem um pequeno texto, discorrendo sobre sua série favorita, utilizando a linguagem que normalmente usam nesse aplicativo.

Ao estudar qualquer comunidade linguística, a constatação mais imediata é a existência de diversidade ou da variação. Isto é, toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar. A essas diferentes maneiras de falar, a Sociolinguística reserva o nome de variedades linguísticas. (ALKMIN, 2001, p.31)

Com o surgimento dos gêneros digitais, surgiu uma polarização do contínuo entre a oralidade e a escrita em determinados gêneros (MARCUSCHI, 2010, p. 37). Sabendo que para a linguística a maior preocupação está com a oralidade e o *WhatsApp* tem marcas da oralidade e da escrita, uma vez que pode ser sincrônico, a professora utilizou os *prints* de algumas respostas previamente escolhidas para iniciar uma discussão e reflexão sobre a linguagem utilizada no aplicativo.

⁵ <https://www.qedu.org.br/cidade/547-campo-grande/ideb/ideb-por-escolas?dependence=3&grade=2&edition=2017>



Ao assumir, de fato e de direito, o princípio da heterogeneidade inerente à linguagem, a Linguística moderna, especialmente a Sociolinguística, eliminou preconceitos ao afirmar, axiomaticamente, que todas as línguas e variedades de uma língua são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam; e que nenhuma língua ou variedade dialetal impõe limitações cognitivas na percepção e na produção de enunciados. (CAMACHO, 2011, p. 68)

O uso desse gênero virtual ocorreu por ser ele o mais utilizado atualmente, além de ser possível investigar as variações da comunicação no uso feito entre os estudantes, bem como a percepção deles mesmos de que é um conteúdo não distante de suas realidades. Por isso, durante o debate, a docente fazia várias anotações, montando um quadro comparativo na lousa entre algumas variedades linguísticas, para que os alunos copiassem e pudessem estudar posteriormente.

Dar condições para que os estudantes saibam utilizar e, principalmente, adequar a linguagem conforme a situação comunicacional é um fato previsto na BNCC (2018, p. 87) nas competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, quando afirma que o aluno deve “empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados a situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero de discurso/ gênero textual.”

Cabe a escola atualizar-se aos gêneros usados comumente pelos adolescentes, remodelando as metodologias para criar momentos de vivência dessas situações comunicativas dentro do âmbito escolar. Esses acontecimentos trazem resultados relevantes e que merecem alguns períodos de reflexão para os novos caminhos que a tecnologia está trazendo para o ensino. Veremos um exemplo desses momentos a seguir.

3.2. Relato da experiência

A sequência de atividades de LP a ser detalhada na presente pesquisa foi planejada para ser executada no 9º ano, matutino, com 30 discentes. A ideia era utilizar três aulas, que aconteciam em dias consecutivos, o que acabou ajudando, pois proporcionavam ao aluno um tempo de reflexão sobre o conteúdo e maior participação nas aulas posteriores.

Um impasse que causou uma modificação no planejamento foi o não funcionamento adequado da internet e por alguns alunos não poderem levar seus celulares por motivos particulares, como punições familiares. Apesar da escola possuir investimentos na área tecnológica, no dia da aula, a internet não estava funcionando de maneira adequada, o que fez com que a professora tivesse que emprestar seu *wifi* particular, além de solicitar que os alunos que não conseguiram responder naquele momento, respondessem o questionamento em casa.

Esse inconveniente, aconteceu no primeiro dia, em que a professora solicitou que os alunos montassem um grupo no *WhatsApp* e a adicionassem, servindo para que a professora reestruturasse sua sequência de atividades. A docente solicitou que os alunos fizessem o seguinte exercício

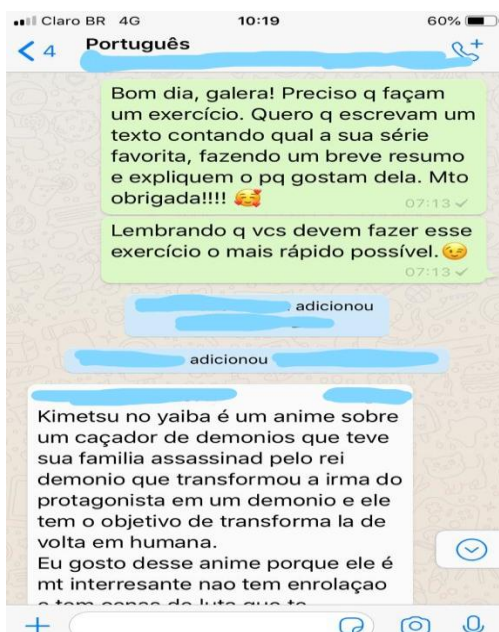


Foto 1- Imagem retirada do grupo. Os números telefônicos foram retirados para manter o sigilo com os alunos nas atividades pedagógicas de LP.

Com o auxílio da professora, alguns alunos conseguiram responder no momento solicitado e outros, apesar dos esforços para fazerem na hora, executaram posteriormente. Como a professora já havia trabalhado com o *WhatsApp* em outro planejamento com essa turma, surgiu outro incômodo – a maioria dos estudantes não usaram a linguagem adequada no aplicativo com receio de que fosse solicitado depois uma alteração para a variedade padrão, que é a mais cobrada no âmbito escolar.

Por esse motivo, no primeiro momento da segunda aula, a professora solicitou que os alunos lessem uma conversa qualquer no *WhatsApp*, percebendo e refletindo sobre a linguagem usada. Em seguida, a professora projetou a imagem de algumas respostas dadas por eles na atividade, pedindo para que observassem a variedade empregada e sempre fazendo questionamentos para que os alunos pensassem o motivo do uso dela. Depois desse debate, a docente pediu para que fizessem em conjunto a verificação de situações linguísticas que a diferenciavam da linguagem padrão. Após a análise, a conclusão recorrente foi a aproximação do internetês com a linguagem oral, associando-a a informalidade.

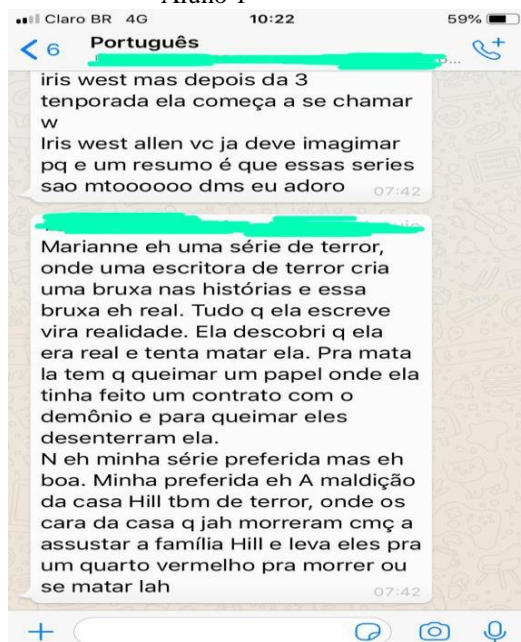
A partir disso, a professora explicou na terceira aula outras variedades linguísticas, fazendo um quadro comparativo para que os alunos anotassem e, sempre questionando-os e levando-os a refletirem sobre a adequação da linguagem ao seu contexto e, principalmente, ouvindo experiências dos alunos, mostrando e esclarecendo que o preconceito linguístico é inaceitável na sociedade atual.

3.3. Estudo de caso na Escola Municipal

A partir das aulas ministradas de LP e do uso da linguagem no contexto do aplicativo *WhatsApp*, averiguou-se que o uso desse ambiente tecnológico pertence a prática diária dos alunos, fazendo com que eles demonstrassem familiaridade com o manejo do aplicativo.

A partir da proposta criada pela professora, verificou-se respostas variadas, demonstrando em sua maior parte o uso do corretor para corrigir as possíveis incorreções. No entanto, ainda foi possível fazer algumas análises, como no caso do aluno 1, que manteve, apesar de ser um exercício escrito, uma grande aproximação com a oralidade, confirmando a relevância do gênero textual escolhido com os estudos da Sociolinguística, visto que “o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso”(ALKMIN, 2001, p. 31).

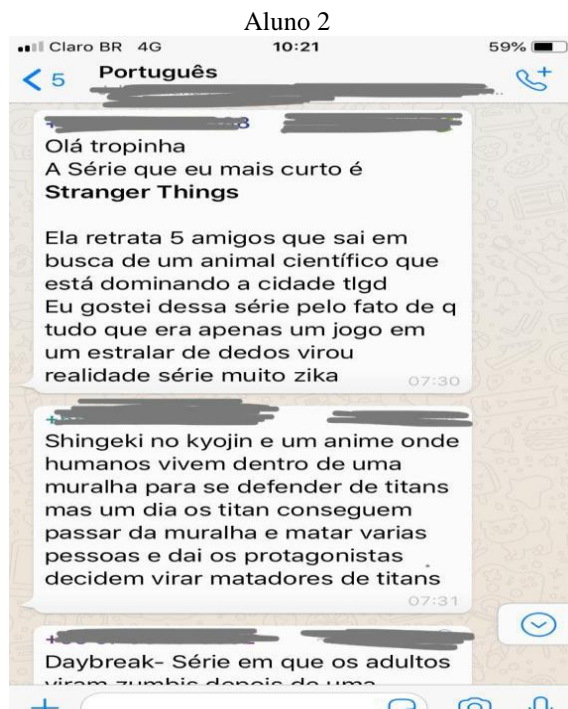
Aluno 1



É preciso destacar que, por se tratar de uma atividade feita na escola, os fatores extralinguísticos, destacados pelos alunos, que possivelmente influenciaram, majoritariamente, nesse exercício foram a idade e o fator socioeconômico.

No caso do aluno 1, nota-se a constante o uso da variante na colocação do pronome pessoal do caso reto que deve aparecer como sujeito antes do verbo, entretanto, na produção aparece com função de objeto, como nos casos “matar ela”, “queimar eles”, “desenterram ela” e “leva eles”. Há uma tentativa de uso de pronome oblíquo em uma circunstância, porém ocorre incorretamente em “mata la”.

Além disso, é possível verificar dois casos do uso do advérbio “onde” sem a representação de lugar/ permanência e da contração informal “pra” no lugar da forma correta da preposição “para”. Por fim, há um erro de concordância nominal em “os cara”.



Em sala de aula, os alunos notaram que no aluno 2, diferentemente do aluno 1, encontramos marcas acentuadas do uso de gírias, como no uso de “tropinha”, “mais curto”, “muito zika” e na abreviação tlgd (“tá ligado”), corroborando com a afirmação de GOMES (2016,p. 83) de que “as redes digitais de relacionamento têm permitido e potencializado novas formas de ser e estar no mundo, de ensinar e aprender”, mostrando que a escola deve contextualizar seu ensino, principalmente no que tange a linguagem.

Além do mais, novamente encontramos a incorreção no uso do advérbio “onde”, não indicando lugar e erro na concordância nominal em “os titan”.

A partir da conscientização sobre as variações linguísticas, houve uma grande facilidade em trabalhar as diferentes variações existentes. A professora trouxe uma nova proposta, colocando no quadro fatores externos, como sexo, idade e fator socioeconômico. Depois de separar os alunos em grupos, a docente solicitou que os grupos escolhessem um fator e criassem uma situação comunicativa que exemplificasse o item selecionado, para que posteriormente fosse encenado para a turma.

No final, após todas as apresentações teatrais, a professora abriu um debate com a turma, indagando-os sobre a encenação e, principalmente, sobre suas experiências pessoais ligadas ao tema trabalhado, dando abertura novamente para explorar o que se



pede na BNCC (2018, p. 81) quando cita que “ as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído as variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado preconceitos sociais”.

Foi possível perceber com a discussão, que os alunos tiveram consciência de que há uma variante de maior notoriedade na sociedade, mas que isso não é motivo para que haja o preconceito linguístico, uma vez que o que deveria haver é uma adequação ao contexto de comunicação. Ficou claro para eles de que ter conhecimento da variedade padrão é de suma importância, já que é a variedade cobrada pela sociedade, no entanto se adaptar e moldar-se ao ambiente de comunicação é algo significativo para se evitar os julgamentos dos possíveis falares que podemos encontrar no ato comunicativo.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou averiguar as variações linguísticas encontradas na linguagem utilizada por alunos em um exercício proposto de situação comunicativa no aplicativo *WhatsApp*.

Trabalhar com a Sociolinguística é reafirmar que a atual sociedade está em transformação, e isso, foi ampliado com o advento da internet e seus gêneros digitais, uma vez que a função primordial de tal vertente da linguística é “tratar da relação entre línguas e sociedade” (CAMACHO, 2001, p. 50).

A dificuldade de trazer a inovação da internet para a sala de aula é, geralmente, encontrada no próprio professor do que no aluno, visto que a motivação e facilidade foi tamanha em seu uso, que não foi a primeira vez que a professora realizou atividades com esse aplicativo com a turma.

Propiciar diferentes formas do uso da linguagem, para que o aluno saiba a maneira adequada de empregá-la, é uma das funções escolares, e também, exigências da BNCC (2018), mediante o uso da tecnologia. Para que isso passe do papel para a prática, é preciso servir-se de ferramentas usuais na sociedade atual e, também, usuais aos docentes. Contextualizar e aprender fazendo o uso real da língua ainda é, e será, a melhor maneira de aprender.



Referências

- ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística: parte I**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução a Sociolinguística: domínios e fronteiras, v.1/ Fernanda Mussolin, Anna Christina Bentes (orgs.)- 2 ed.- São Paulo: Cortez, 2001.
- ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Sociolinguística: parte II**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução a Sociolinguística: domínios e fronteiras, v.1/ Fernanda Mussolin, Anna Christina Bentes (orgs.)- 2 ed.- São Paulo: Cortez, 2001.
- ESCOLA MUNICIPAL MAJOR AVIADOR Y-JUCA. **Sobre nós**. <https://e-m-major-aviador-y-juca-pirama.webnode.com/sobre-nos/> Acesso em 10 de outubro de 2019.
- FRUET, Fabiane Sarmiento Oliveira; WINCH, Paula Gaida; FAGAN, Daiane; ZEMOLIN, Ana Paula. Internetês: Ameaça à ou evolução na língua portuguesa?. In. **Revista da ANPOLL**. v. 1, n. 26: Espaço público e Linguagens. São Paulo, 2009. <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/131> Acesso em 10 de outubro de 2019.
- GOMES, Luiz Fernando. **Redes sociais e escola: o que temos de aprender?/** In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender? / Organização Júlio Araújo, Vilson Leffa.- 1. ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- JONUSAN, Geiser Wellington Barreto. **O WhatsApp e seus recursos no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa em Campo Grande-MS**. Campo Grande, MS: UEMS, 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- _____; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**.-3.ed.- São Paulo: Cortez, 2010.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**, Brasília, MEC, 2018.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamentos estatísticos. In. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO – SEMED. **Referencial Curricular Da Rede Municipal De Ensino**. Campo Grande, MS, 2008.

QEDU. **Campo Grande: Ideb 2017 por escolas** <https://www.qedu.org.br/cidade/547-campo-grande/ideb/ideb-por-escolas?dependence=3&grade=2&edition=2017> Acesso em 10 de outubro de 2019.

Recebido Para Publicação em 26 de dezembro de 2019.
Aprovado Para Publicação em 20 de fevereiro de 2020.